

**OS GRIÔS  
APORTAM  
NA ESCOLA**

LER E DISCUTIR  
LITERATURA INFANTIL  
NEGRA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL

## **Conselho Editorial**

Alastair Pennycook  
Allen Quesada  
Ana Nery Damasceno Noronha  
Ana Sousa  
Antonietta Heyden Megale  
Aparecida de Jesus Ferreira  
Beatriz Gama Rodrigues  
Carmen Jená Machado Caetano  
Cátia Regina Braga Martins  
Daniel Silva  
Dllobia Santclair  
Elaine Fernandes Mateus  
Elkerlane Martins de Araújo  
Fernanda Coelho Liberali  
Joaquim Dolz  
Kleber Aparecido da Silva  
Lauro Sérgio Machado Pereira  
Li Wei  
Lynn Mário Menezes de Sousa  
Gabriela A. Veronelli  
Gisvaldo Araújo Silva  
Manuela Guilherme  
Reinildes Dias  
Ofélia Garcia  
Oseas Bezerra Viana Jr.  
Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias  
Paulo Massaro  
Renato Cabral Rezende  
Rodriana Costa  
Rosana Helena Nunes  
Rosane Pessoa  
Ryuko Kubota  
Sávio Siqueira  
Sweder Sousa  
Tatiana Dias  
Veruska Machado  
Wilson Leffa  
Viviane Resende

Wagner Ramos Campos  
Marly Amarilha

**OS GRIÔS  
APORTAM  
NA ESCOLA**

LER E DISCUTIR  
LITERATURA INFANTIL  
NEGRA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Campos, Wagner Ramos

Os grãos aportam na escola : ler e discutir literatura infantil negra no ensino fundamental / Wagner Ramos Campos, Marly Amarilha. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022.

ISBN 978-85-7591-627-8

1. Cultura africana 2. Ensino fundamental 3. Literatura afro-brasileira 4. Literatura infantojuvenil I. Amarilha, Marly. II. Título.

22-113864

CDD-809.89282

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil : História e crítica 809.89282

*capa e gerência editorial:* Vanderlei Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras  
*revisão final dos autores*  
*bibliotecária:* Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

**Esta obra contou  
com o apoio CNPq**

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**2 0 2 2**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

***Mais um negro***

*Sou um negro,  
mais um,  
destes que não aceitam,  
como adjetivo a alma branca*

*Sou um negro,  
mais um,  
consciente da nossa história,  
que não se ilude com os heróis  
que me forçam a aceitar.*

*Sou um negro,  
mais um,  
meio louco,  
meio torto  
esperando muitos outros  
para engrossar o cordão,  
e horrorizar de espanto,  
este engodo imbecil,  
a tal convencional,  
Democracia Racial.*

(José Carlos Limeira 1983)



## SUMÁRIO

Prefácio

DO RACISMO À RENOVAÇÃO PEDAGÓGICA –  
UMA LEITURA DE OS GRIÔS APORTAM NA ESCOLA:  
LER E DISCUTIR A LITERATURA INFANTIL NEGRA  
NO ENSINO FUNDAMENTAL..... 9

*Eliana Yunes*

1. TANTAS LINHAS, UMA REDE:  
COSTURANDO SENTIDOS ..... 15
  2. VELHA HISTÓRIA, NOVAS NARRATIVAS:  
A ESCOLA E AS IDENTIDADES NEGRAS..... 37
  3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS..... 49
  4. METODOLOGIA ..... 97
  5. CONTA ESSA HISTÓRIA DIREITO:  
O QUE ACONTECEU NA ESCOLA?..... 123
  6. PARA ONDE VÃO A HISTÓRIAS? –  
CONCLUINDO PARA RECOMEÇAR..... 211
- REFERÊNCIAS..... 221

## LISTA DE ABREVIATURAS E SINAIS USADOS NAS TRANSCRIÇÕES

CNE/CP	Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno
DCN-ER	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana
AIEF	Anos Iniciais do Ensino Fundamental
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
NEABs	Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros
PPGEd	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIAFRO	Programa de Ações Afirmativas para a População Negra nas Instituições Federais e Estaduais de Educação Superior

Prefácio  
DO RACISMO À RENOVAÇÃO PEDAGÓGICA  
– UMA LEITURA DE OS GRIÔS APORTAM  
NA ESCOLA: LER E DISCUTIR A LITERATURA  
INFANTIL NEGRA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Claro, o título já nos sugere: vamos ler sobre tradição oral, sabedoria de povos africanos ágrafos, literatura para crianças, escola e práticas sociais em educação. Por tabela, vamos conhecer legislação sobre currículos, manipulação de contextos políticos, história cultural e diversidade.

Estes apontamentos são apenas para nos lembrar a trança em que nos vemos metidos quando o preconceito, a arrogância, a superestima de si, a indiferença se instalam nas relações humanas e, como consequência, múltiplos saberes, valores e expressões de vida são cancelados da pauta sóciopolítica e se enfraquecem na educação formal e informal.

De fato, é muito impressionante, à distância de séculos, tomarmos consciência de que aqui houve uma *descoberta* do outro, do ponto de vista de quem estava lá e uma *invasão* para quem estava aqui, em Teoachiuacán, em Machu-Pichu ou em Pindorama. O encontro que poderia ter-se dado foi dilacerado pela ganância e pela intolerância com a diferença. Talvez tudo isso, assentado sobre a ideia de um pensamento único, de uma história única e linear. O que Copérnico e Galileu haviam provado – a Terra não era o centro do universo – ainda não

caíra na realidade; além disto, o homem europeu não estava no centro do mundo. Mas o controle das navegações marítimas subiu à cabeça e a febre da riqueza, do acúmulo, do poder, da exploração não deixou que a surpreendente carta de Cortez a Isabel, dando conta do *novo mundo* que vislumbrava na praça maior de Tenochitlán, fosse devidamente lida, apreciada e se tornasse um farol no mar tenebroso das invejas e disputas entre reinos. Bom sabermos também, que os astecas não eram santos, nem os incas, nem os tapuias. Mas nada justifica a barbárie que, começada na Terra de Santa Cruz, arrastasse a Terra Brasilis para este *hoje*, o que nos devolve ao parágrafo anterior.

Esta pesquisa realizada em Natal, no Rio Grande do Norte, orientada por pesquisadores experientes, nos leva ao capítulo seguinte da História, quando a dificuldade de domesticação dos indígenas teve como solução a compra de humanos negros do continente africano. Esta prática dos portugueses já existia, levando prisioneiros das guerras internas do continente ou população emboscada por traficantes, como mercadoria, para a Europa. E não só portugueses. Na verdade, não estavam inventando a roda, isto é, a rota, pois a escravidão humana tinha sido anotada ao longo dos registros de outras “civilizações”, romanos, gregos, egípcios e a servidão na Rússia de Catarina teve tal violência que resultou na revolução bolchevique de 1918. E o cenário era o da cristandade triunfante, algo inconcebível à luz dos Evangelhos.

Bem, aqui chegamos ao longo de 300 anos a cerca de quase 05 milhões de escravos, que libertos tardiamente, foram mais bem abandonados e ainda perseguidos em suas organizações de apoio mútuo, quilombos e arraiais. Um século depois disto e algumas constituições, os pretos descendentes, ainda veem ser discutidos seus créditos, por terem os débitos do seu próprio país sido camuflados em uma “democracia racial”, entre Casa Grande e Senzala.

Agora, as questões que daí se desdobram estão sob o conceito de racismo estrutural, cuja complexidade afeta o desenvolvimento socioeconômico da nação, a justiça social, a convivência pacífica e o combate à violência urbana. Na matriz desse desequilíbrio, a desigualdade no trato dos cidadãos

pobres, brancos, vermelhos, pardos e pretos, mas sobretudo pretos, como canta Caetano, e que começa nos desníveis da educação ofertada, uma vez que reforça a baixa autoestima e mantém o desconhecimento de seus valores culturais ancestrais.

A admissão desta desvalia é inadiável pois acaba por atingir ainda as relações de toda a sociedade ameaçada e ameaçadora, e precisa ser revertida, antes que o confronto a vir, torne irreparável seus danos por outro século. O imperativo para se rever a História não tem o caráter revanchista presumido, mas trabalha para iluminar a necessária reinserção social do sujeito cuja contribuição na música, na dança, na literatura, nas artes e em outros saberes, não pode ser negada. E se as ações compensatórias incomodam aos habituados a privilégios, urge que a educação rompa com a falsa meritocracia e não impeça a emergência dessa diversidade capaz de qualificar a vida pública brasileira.

Eis o que esta pesquisa foca. Exemplar. Vai à escola com livros de literatura infantil em torno da herança africana, traduzida em recontos, em seleção primorosa e diversificada nos temas, em multimodalidades, elabora uma metodologia já testada em sua produtiva resposta à compreensão de textos e no espelhamento, por catarse, das personagens com identificação possível, justo sobre as diferenças desvalorizadas na experiência extra-escolar e também curricular.

Toda sua leitura atenta é um curso de formação bastante bem proposto e acompanhado com observação minuciosa e registro das respostas das crianças de um 3º ano escolar de uma escola pública, aberta a pesquisas. Estas vão ser analisadas com acuidade, sempre do ponto de vista a que o projeto se propôs: verificar o preconceito, a discriminação e o racismo que ferem duramente a construção de uma sociedade civil mais justa e equânime, que impedem a promoção da riqueza na vida cultural comum, além de desestimular o desempenho social com reflexos óbvios na economia.

O trabalho todo é bem urdido, com amparo em pesquisa bibliográfica relevante, como os leitores acompanharão. E admite que não se propõe como único modelo e nem sequer é exaustivo em considerações dos prós e contras. E não faz sentido

aqui recapitular ou condensar o trajeto longo do trabalho em sua aplicação.

Preciso aproveitar a oportunidade desta leitura para assinalar uma vez mais a questão da mediação que exercemos para toda aprendizagem na vida, conscientes ou não. Com mais razão, esta prática é reclamada na escola por vários ângulos, como adverte Vygotsky, e se revela fundamental na abertura de horizontes para novas realidades, imperceptíveis na cristalização ideológica das linguagens e comportamentos absorvidos acriticamente no cotidiano coletivo dos povos.

E a literatura aparece, uma vez mais, como a forma mais completa de provocação ao sujeito, afetando sua inteligência e cognição ao mesmo tempo que suas emoções e sentimentos, sua integralidade, portanto. Sua plurissignificação segundo os contextos de recepção, a ludicidade que desarma barreiras e o caráter comunicativo complexo que exerce sobre o leitor, apontados por Jauss e Iser, principalmente, cooptam à reflexão, expressão e argumentação do compreendido no ato de ler. Seja qual for a cor da pele de quem escreve ou lê, neste caso.

A defesa da leitura de ficção para a formação do sujeito cívico, crítico, portanto, envolve claramente nas sociedades contemporâneas, os livros, mas não pode abdicar do papel que a oralidade teve na preservação dos valores ancestrais que nos trouxeram ao presente, como de sua riqueza na prática de transmissão rediviva na contação de histórias. O momento de distanciamento da rotina e o mergulho no imaginário deixam entrever possibilidades insuspeitadas e alegra o coração com a descoberta, ainda que dolorosa. E o ato de ouvir promove isto, a um só tempo em que também disciplina para escutar o outro. Foi assim entre os narradores orientais, entre os griôs e pajés nas tabas, como hoje nas praças e nos auditórios.

Tanto mais rica a diversidade de gêneros, a multiculturalidade e as épocas trazidas pela palavra literária, tanto maior será a ampliação dos horizontes sobre a condição humana. Aí se desenha e se oferece de modo sedutor à percepção, que diferenças entre si não justificam desigualdades de tratamento, nem desprezo por diferenças. E se põem de

relevo a justiça, o direito, a responsabilidade comum. É, pois, da ordem do estético, do político e do ético.

Mas preciso chegar a juntar as pontas e dar o meu laço na leitura que fiz, pois para isto me chamaram: é inegável o efeito que se produz no leitor, quando um trabalho desta ordem se desenvolve, como aqui demonstrado. Contudo, é necessário grifar as condições excepcionais em que resultou a exemplaridade do projeto e, por fim, as carências que solapam a prática do que sabemos e não podemos pôr em prática.

Por partes:

- a escola com o tempo diário de aulas (3h30min), um programa curricular de conteúdo definidos como universais e cobrado pela supervisão, não logra planejar e executar tarefa como esta indispensável, que demanda ênfases duradouras;
- a formação descontinuada do professor não permite que alcance tal domínio atualizado da produção (indígena, negra, clássica, oriental...) literária;
- tal proposta exigiria uma mudança na metodologia de ensino e nos currículos, tais como se apresentam e , aqui, isto aparece sobejamente;
- a ação precisa ser estendida a toda a escola e de modo permanente trazer a cultura como matéria-prima da educação;
- sem a participação efetiva das universidades e centros de pesquisa, as secretarias de educação e as escolas não estão habilitadas a pequenas revoluções que mudam o individual e o coletivo modo de viver em comum;
- atender toda lei e necessidades atuais da vida social a partir da prática escolar obriga à reconsideração do tempo de dedicação e salário do professor, assim como sua radicação em uma só escola.

Trago estas questões não para diminuir ou estreitar os méritos do que aqui se lerá. Não. Quero ratificar que esta

proposta exige que transformemos a relação das faculdades de pedagogia, dos cursos de formação de professores e integremos continuamente seu aprendizado a práticas que vigem nas escolas fundamentais.

Testemunhei na Alemanha como os professores universitários em parte dedicados à pesquisa e formação, atendem como compromisso regular o acompanhamento e participação nas escolas, com intervenções como esta, que fortalecem, estendem e ampliam o trabalho escolar básico. E o professor das séries iniciais é respeitado como o acadêmico em suas tarefas.

Reafirmo a importância de pesquisas como estas para que elas se integrem ordinariamente aos programas em planejamento articulado, nada casual, e venham a trazer, de um e outro lado, saberes sobre a realidade político-social de cada urbanidade. Esta colaboração e integração pode oferecer qualidade à pesquisa universitária e ao desempenho da escola na formação de uma sociedade em que pontifiquem valores muito obliterados pelos modelos de valores que o capitalismo vende como sucesso.

A exclusão dos diferentes, por cor da pele, tradições, deficiência, religião, atravanca o desenvolvimento social pela supressão da cultura com que cada ser humano incrementa e viabiliza sua sobrevivência, produtiva e bela, no concerto da humanidade. A inclusão de cada criança negra, imigrante, migrante e pobre, no passado, impulsionou a arte e ciência de muitos países; o preconceito, resultado dos racismos de qualquer natureza, tem atrasado os países colonizados e subalternizado gerações oprimidas.

O que lerão a seguir é um dos modos possíveis de lutar e realizar a reversão desta nossa história. Com estudo e compromisso ético.

*Eliana Yunes*

Rio, janeiro de 2022.

Cátedra Unesco de Leitura  
PUC Rio